



A IDENTIDADE DO GO'EL EM JÓ 19:25 E SUA RELAÇÃO JURÍDICA E ESCATOLÓGICA NO LIVRO

Willon Alexandre D. Gonçalves

Ezinaldo Ubirajara Pereira

RESUMO

A seção do livro de Jó referente ao capítulo 19:25-29 é uma das mais conhecidas da obra. No entanto, em que contexto Jó falou essas palavras? Foi um contexto jurídico ou escatológico? Qual é a identidade do Redentor (*go'el*) de Jó? A identidade do *go'el* no verso 25, bem como o contexto em que está inserida divide opiniões entre eruditos. Este artigo pretende definir a quem Jó se referia como sendo seu Redentor e em qual contexto (jurídico ou escatológico) se encontra os versos mencionados anteriormente. Através de uma análise exegética e o suporte teórico da revisão de literatura, é possível afirmar que o contexto de Jó 19:25-29 pode ser jurídico – pelo fato do livro funcionar como um tribunal simbólico; mas também pode ser escatológico – pela sua relação com o *go'el* de Jó, cuja identidade este artigo assume se tratar de uma figura messiânica – isto é, Jesus Cristo.

Palavras-chave: Jó. Redentor. Escatologia. Jurídico. Messias.

THE GO'EL IDENTITY IN JOB 19:25 AND ITS LEGAL AND ESCHATOLOGICAL RELATIONSHIP IN THE BOOK

ABSTRACT

The section of the book of Job referring to chapter 19:25-29 is one of the best known in the book. However, what context did Job speak these words? Was it a legal or eschatological context? What is the identity of Job's Redeemer (*go'el*)? The identity of the *go'el* in verse 25, as well as the context in which it is inserted, divides opinions among scholars. This article aims to define who Job referred to his Redeemer and what context (legal or eschatological) the verses mentioned above are found. Through an exegetical analysis and the theoretical support of the literature review, it is possible to state that the context of Job 19:25-29 can be legal – because the book works as a symbolic court; but it can also be eschatological – due to its relationship with the *go'el* of Job, whose identity the article assumes that is a messianic figure – Jesus Christ.

Keywords: Job. Redeemer. Eschatology. Legal. Messiah.



INTRODUÇÃO

Um dos livros mais enigmáticos da Bíblia, sem dúvida alguma é o livro de Jó. Um estudo profundo e atento do seu escopo, revela que este livro pode ser considerado um ensaio para grandes temas doutrinários e escatológicos, como o Santuário, o Juízo, a Morte, a Ressurreição, e o Ministério Sacerdotal de Cristo no Santuário Celestial. Este último tema, é motivo de discussões no âmbito acadêmico. No que se refere à identidade do “Redentor” (*go’el*) de Jó no capítulo 19:25, podemos encontrar uma alusão à atividade de mediação de Cristo no Santuário. Existem pelo menos três posicionamentos quanto à identidade do *go’el* em Jó 19:25 – a primeira é que o Redentor de Jó é o próprio Deus; a segunda defende que o *go’el* é Cristo, direta ou indiretamente; e a terceira apresenta as opções de outros estudos sem tomar posicionamento concreto sobre o tema.

Este artigo pretende definir a quem Jó se referia como sendo seu Redentor e em qual contexto (jurídico ou escatológico) se encontra os versos mencionados anteriormente. Através de uma análise exegética e o suporte teórico da revisão de literatura, é possível afirmar que o contexto de Jó 19:25-29 pode ser jurídico – pelo fato do livro funcionar como um tribunal simbólico; mas também pode ser escatológico – pela sua relação com o *go’el* de Jó, cuja identidade este artigo assume se tratar de uma figura messiânica – isto é, Jesus Cristo.

1 POSICIONAMENTOS SOBRE A IDENTIDADE DO GO’EL EM JÓ 19:25

Entre os autores que defendem que o *go’el* de Jó seja o próprio Deus (Deus Pai) estão Francis Andersen, Earle Matteson e David Atkinson. Francis Andersen assume positivamente que “não pode haver dúvida de que o Redentor é Deus” (2006, p. 192). A argumentação de Andersen parece estar fundamentada nas funções jurídicas presentes dos personagens ao longo do livro de Jó e destacadas pela tradução inglesa NEB (The New English Bible). No entanto, o autor não apresenta nenhum estudo exegético significativo em seu comentário para provar sua assertiva.

Earle Matteson é um dos autores que defende a identidade do *go’el* de Jó com sendo o próprio Deus. O autor escreve que “Jó acreditava que o Deus Vivo o redimiria algum dia” (MATTESON, 2004, p. 89, tradução nossa). Sua obra *The Job Complex* parece mais ser um comentário homilético e não demonstra nada significativa exegeticamente, já que Matteson não se detém no verso para explorar mais sobre o assunto.

David Atkinson é o autor que mais se destaca entre os que propõe que o Redentor de Jó é o próprio Deus. Além de fornecer o contexto histórico e bíblico para o termo *go’el*, Atkinson apresenta o uso do termo em um contexto da Aliança divina com seu povo em Êxodo 6:6 (ATKINSON, 1992, p. 93). Sua tese é que “o SENHOR que redime o Seu povo do fardo a escravidão é o Parente/Redentor deles” (ATKINSON, 1992, p. 93, tradução nossa).

Atkinson também se preocupa em referir o pensamento de outros autores sobre as funções jurídicas exercidas por Deus no livro de Jó. Parafraseando seu pensamento, para

alguns comentaristas a visão de Jó sobre Deus como seu inimigo, acusador e adversário (Jó 16:9), é incompatível com a ideia de que Deus seria também seu Redentor/Vindicador ao mesmo tempo (ATKINSON, 1992, p. 94, tradução nossa). Possivelmente, a diferença nas funções jurídicas exercidas por Deus seriam um empasse para que Ele fosse também o Redentor de Jó. Percebe-se que a compreensão das funções jurídicas no livro de Jó é crucial para determinar a identidade do go'el.

Apesar de expressar essa contra argumentação baseada nas funções jurídicas, Atkinson mantém o posicionamento de que “o go'el para quem Jó apela é ninguém menos que Deus, o SENHOR da Aliança” (1992, p. 94, tradução nossa). Essa afirmação é baseada por ele no contexto imediato do verso, onde Jó expressa “verei a Deus” (Jó:19:26).

Alguns autores que propõe que o go'el seja Cristo (Deus Filho) são Roy B. Zuck e Samuel Ridout. Este último, sugere implicitamente que o go'el de Jó seja Jesus Cristo. Embora não o cite nominalmente, o autor escreve que “esse Redentor, esse parente próximo, se levantaria por ele, mesmo que fosse nos últimos dias, depois de sua morte” (RIDOUT, 1958, p. 97, tradução nossa). Essa afirmação pode sugerir implicitamente um momento escatológico – a ressurreição de Jó por ocasião da Volta de Jesus. Entretanto, a afirmação mais objetiva que se tem de Samuel Ridout é complementar àquela primeira, quando ele escreve “aqui, então temos um vislumbre do SENHOR que nós conhecemos – não aquele que se levantará, mas aquele que já triunfou sobre a morte e a sepultura” (RIDOUT, 1958, p. 97, tradução nossa). Claramente uma referência à morte e ressurreição de Cristo Jesus, como um penhor da ressurreição de Jó.

A obra de Roy Zuck (Job) assim como a de Atkinson aprofunda mais o contexto histórico e bíblico do go'el. Zuck apresenta também os argumentos de expoentes tanto do posicionamento do próprio Deus como *go'el* quanto da possibilidade de outra pessoa ser este Redentor. O autor afirma que “alguns estudiosos dizem que ele (*go'el*) é uma pessoa diferente de Deus por causa do pedido de Jó por um árbitro entre ele e Deus (9:33), por um advogado (16:19) e porque Jó ainda sente Deus distante mais tarde (23:3)” – (ZUCK, 1978, p. 89, tradução nossa, grifo nosso). Por outro lado, Zuck escreve que “outros identificam o Redentor com sendo o próprio Deus por causa da afirmação paralela ‘eu verei Deus’ em Jó 19:26 e porque a testemunha dele está no Céu (16:19)” – (1978, p. 89, tradução nossa). A questão se existe ou não algum tipo de relação paralelística entre a afirmação de Jó sobre o go'el no verso 25 e sobre ver a Deus no verso seguinte, merece a devida atenção e análise, pois tanto na obra de Zuck quanto de Atkinson, essa questão aparece como um forte argumento para defesa de que o Redentor é próprio Deus.

No entanto, apesar de Zuck expor as duas linhas de pensamento em sua obra, ele parece tender para o posicionamento de que o go'el é outra pessoa sem ser o próprio Deus. No final de sua argumentação sobre o capítulo 19, Zuck afirma que o árbitro/testemunha/advogado que Jó tanto desejava, “nós conhecemos como Jesus Cristo, o Filho de Deus” (1978, p. 92, tradução nossa) – uma explícita declaração sobre o *go'el* sendo Cristo (Deus Filho).

Por fim, a obra de Samuel Terrien sobre Jó, se torna um apanhado de ideias disso-



nantes sobre a identidade do *go'el*, sem que o autor de fato tome um posicionamento sobre o assunto. O argumento apresentado a favor de que o *go'el* seja o próprio Deus é baseado na expressão hebraica *al-afar* (v. 25b) que quer dizer “sobre a terra/pó” – já que “é idêntica à que é empregada por Jó em sua confissão final em Jó 42:6 (TERRIEN, 1994, p. 170) – logo o Redentor que se levantaria sobre a terra/pó (*al-afar*) em Jó 19:25 deve ser o mesmo que se apresentou de forma teofânica a partir do capítulo 38, culminando em sua declaração final “me arrependo no pó” (*al-afar*) em Jó 42:6. Posteriormente, Terrien apresenta os mesmos argumentos levantados por Zuck quanto ao *go'el* ser uma outra pessoa e não o próprio Deus – baseados nos textos de Jó 9:33 (um árbitro entre ele e Deus), Jó 16:9 (a testemunha no Céu) e a distância mantida entre ele e Deus no texto de Jó 23:3 (TERRIEN, 1958, p. 170 – 171). O autor encerra sua exposição do capítulo 19, sem expressar diretamente seu posicionamento.

Tendo como base esses estudos e argumentos, propõem-se um estudo exegético para identificar de maneira concreta a identidade do *go'el* em Jó 19:25 – como sendo o próprio Cristo exercendo sua atividade sacerdotal no santuário celestial – sendo um mediador entre o homem caído e Deus Pai.

2 ANÁLISE TEXTUAL

2.1 TEXTO

וְאֲנִי יָדַעְתִּי, גִּאֲלִי חִי; וְאַחֲרוֹן, עַל-עֲפָר יָקוּם
וְאַחֲרַי עוֹרִי, נִקְפוּ-זֹאת; וּמִבְשָׁרִי, אֶחָזֶה אֱלֹהִים
אֲשֶׁר אֲנִי, אֶחָזֶה-לִי--וְעֵינַי רָאוּ וְלֹא-זָר: כָּלֹ כְלִיתִי בְּחִקִּי
כִּי תֹאמְרוּ, מֶה-נִּרְדֹּף-לוֹ; וְשָׂרֵשׁ דָּבָר, נִמְצָא-בִּי
גִּוְרוֹ לָכֶם, מִפְּנֵי-חָרֵב--כִּי-יַחְמָה, עֲוֹנוֹת חָרֵב: לְמַעַן תִּדְעוּן
שְׂדֵיךְ (שְׂדֵיךְ)
(Jó 19:25-29 BHS)

2.2 ANÁLISE ESTRUTURAL

O texto em estudo se encontra dentro de uma grande seção iniciada no verso 1 do capítulo 19, estendendo-se até o verso 29 do mesmo capítulo. É possível delimitar esta seção pela presença da *setumá*, indicando o fim do capítulo 18 no verso 21 e o início do capítulo 19, e outra *setumá* indicando o fim do capítulo 19 no verso 29. A *setumá* pode indicar um parágrafo fechado com uma mesma ideia (FRANCISCO, 2008, p. 176), podendo assim justificar um discurso de uma única pessoa, neste caso o discurso de Jó. Não há sinais de *petuchá* ou espaços paragrafais que possam identificar as perícopes do texto na Bíblia Hebraca

Stuttgartensia (BHS). No entanto, dentro do próprio capítulo é possível dividir as perícopes pelos temas abordados por Jó em seu discurso. Dividem-se então em quatro perícopes:

a) Do verso 1 ao verso 6 se encontra a primeira perícope temática. Jó está respondendo diretamente ao discurso anterior feito por Bildade, no capítulo 18. Isso pode ser justificado através de paralelos verbais entre o verso 2 do capítulo 18 e o verso 2 do capítulo 19.

Em Jó 18:2 se encontra a pergunta de Bildade:

“Até quando andarás à caça de palavras?”

Em Jó 19:2 se encontra a pergunta de Jó:

“Até quando afligireis a minha alma e me quebrantareis com palavras?”

Bildade e Jó iniciam seus discursos com a mesma sentença interrogatória “até quando?”. Os personagens também terminam com a mesma palavra em hebraico no verso, que é traduzida pelo substantivo “palavras”.

b) Do verso 7 ao verso 12 se encontra a segunda perícope onde Jó expõe ações que ele imagina terem sido provocadas por Deus.

c) Do verso 13 ao verso 21 Jó se queixa de que todos as pessoas que antes o rodeavam não mais estão para o ajudar no momento mais difícil de sua vida e acusa seus amigos de perseguição. Esta perícope é de grande importância para o texto em estudo, pois lança os primeiros indícios para a necessidade de Jó de um resgatador (*go’el*), palavra que será em breve analisada.

d) A quarta e última perícope se encontra do verso 23 ao verso 29, onde Jó expressa o clímax de sua fé, finalizando seu discurso.

Dentro da quarta perícope, serão analisados apenas os versos 25 a 29 detalhadamente para efeito de delimitação. Segue a análise:

a) O verso 25 é dividido em três linhas, sendo a primeira linha marcada pelo atnah no verbo *חַי* (*chay*) – vive; a segunda linha consiste em uma única palavra marcada pelo acento rebia *וְאַחֲרָיו* (*we aharon*) - significando por fim; e a última linha é marcada pelos acentos siluq e sof pasuq no verbo *יָקִיּוּם* (*yaqum*), que é traduzido por levantará.

A melhor tradução para este verso pode ser:

“Eu sei que meu resgatador vive, e mais tarde/ou no último momento, sobre a terra Yahweh levantará/ou estabelecerá” (tradução nossa).

b) O verso 26 é dividido em três linhas sendo a primeira linha marcada pelo atnah no



pronome demonstrativo זֹאת (zot) – que pode significar “neste lugar”; a segunda linha é marcada pelo rebia na palavra וּמִבֶּשָׂרִי (wmibesari) – que significa “em meu corpo”; e a última linha marcada pelos acentos siluq e sof pasuq na palavra אֱלֹהִים (eloha), que pode significar “Deus”.

A melhor tradução para este verso pode ser:

“Mais tarde quando minha pele for dilacerada neste lugar, em minha carne, terei uma visão de Deus/verei a Deus” (tradução nossa).

c) O verso 27 também é tricólon. A primeira linha é marcada pela presença do rebia na sentença אֶחָדָה-לִּי (ehezeh liy) – que pode significar “eu verei Deus”; a segunda linha é marcada pelo atnah na expressão וְלֹא-זֶר (we lo zar) – que significa “e não outros”; e a última linha marcada pelos acentos siluq e sof pasuq na palavra בְּהֶעֱקִי (beheqiy), que pode significar “meu peito”.

Uma possível tradução para este verso pode ser:

“O qual eu mesmo verei, meus olhos e não outros, perece o meu órgão/rim no meu peito” (tradução nossa).

d) O verso 28 se divide em três linhas sendo a primeira marcada pelo acento atnah na expressão מַה-נִּירְדָּף-לוֹ (mah-nirdaf-low), podendo significar “como será perseguido?”; a segunda linha é acentuada pelo rebia na palavra דָּבָר (davar) – que significa discurso, palavras ou atos, mas na tradução da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) foi traduzido por mal, provavelmente porque o tradutor pode ter reconhecido por causa do contexto, que esta palavra poderia ter derivado de uma outra da mesma raiz – דָּבַר (dbr) que pode significar “doença, peste, praga” ou até mesmo um discurso no sentido destrutivo, nesse caso uma contenda. Estas traduções se adequam perfeitamente ao contexto da história de Jó, já que seu estado físico se assemelhava a uma grave peste ulcerosa (Jó 2:7; Jó 7:5) e os discursos entre ele e seus amigos podem soar muitas vezes como discussão ou contenda. A terceira linha é marcada pelos acentos siluq e sof pasuq na expressão נִמְצָא-בִּי (nimetsa'viy). A primeira palavra é um verbo que está no nifal que pode ser traduzido por – é encontrado. No entanto, a tradução da segunda palavra ybi, ligada pelo acento conjuntivo meteg é obscura, tanto que Andersen chega a afirmar que os versos 27 a 29 “são em grande parte ininteligíveis” (ANDERSEN, 2006, p. 193). Levando em conta o contexto, pode ser considerado que o complemento do verbo no nifal que significa encontrar, apropriadamente seria o pronome nele – nesse caso representando o próprio Jó, já que a pergunta anterior “como será perseguido?” – aponta para tal personagem.

Levando em consideração as dificuldades da análise lexical deste verso, a melhor tra-

dução sugerida é:

Se disserem: Como será perseguido? E a raiz/causa desta peste/contenda, é encontrada nele.

e) Por fim, o verso 29 é dividido em três linhas, sendo a primeira acentuada pelo *rebia* na palavra **הָרֵב** (*herev*), que quer dizer “espada”. A segunda linha marcada pelo *atnah* do verbo **הָרַב** (*harev*), precede da mesma raiz da palavra espada, nesse caso significa cortar, destruir. A terceira linha é marcada pelos acentos siluq e sof pasuq na palavra **שָׁדַיִן** (*shaddyn*). Esta palavra é traduzida por juízo na ARA, provavelmente porque pode derivar da raiz da palavra que aponta pra “ruína, devastação ou destruição” (STRONG, 2002). Sendo assim a melhor tradução para este verso pode ser:

“Temer encarar a espada, cuja fúria destrói a perversidade/mal, com o propósito de fazer conhecida a ruína/o juízo” (tradução nossa).

2.3 PALAVRAS-CHAVE DO TEXTO

A palavra **וְאַחֲרָיו** (*we aharon*) no verso 25 foi traduzida na ARA pela expressão “por fim”. No entanto, pode-se admitir a tradução por “mais tarde” ou no “último momento/instante” segundo o dicionário Strong (2002, p. 75). Os detalhes desta tradução serão melhor analisados na seção de análise teológica.

A palavra **יָקֻם** (*yaqum*) traduzida por “levantará” no verso 25, pode ser uma palavra composta. Levando em consideração que o verbo levantar nesse caso é somente **קָם** (*qum*), sobra a partícula **יָ** (*ya*) que por vezes é tida como uma abreviatura do nome de Yahweh. Assim, essa sentença pode ser traduzida por “Yahweh levantará/estabelecer”á, pois o verbo “levanta”r está no *Qal*, e não como está descrito na ARA “se levantará”. Para ser traduzido desta maneira o verbo deveria estar no *nifal*, forma que se traduz como voz reflexiva (GUSSO, 2005, p. 129). Na análise teológica será abordado mais sobre as implicações desta tradução.

No verso 25 temos uma palavra de excelsa importância para este estudo – **גֹּאֲלִי** (*go’aliy*), que quer dizer meu resgatador. A palavra resgatador – **גֹּאֵל** (*go’el*) tem a ver com a pessoa que vindicava, resgatava ou protegia os interesses de um indivíduo ou grupo. Geralmente esse resgatador era um parente próximo, que intervia judicialmente em algum caso específico (VAUX, 2004, p. 43-44). Este termo passou ao âmbito religioso também sendo empregado a Yahweh como em Sl 19:14; Sl 78:35; Jr 50:34 (VAUX, 2004, p. 44).

3 ANÁLISE TEOLÓGICA

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

3.1.1 Contexto jurídico geral



Não há como negar o fato, de que o contexto inicial que envolve os discursos entre Jó e seus amigos, seja um contexto jurídico. Existem evidências textuais ao longo de todo livro que podem reforçar essa ideia. A construção dos discursos aponta um cenário figurativo semelhante a um tribunal, onde Jó se defende das acusações de seus amigos. A linguagem é jurídica e isso se comprova com passagens como Jó 6:29 – “tornai a julgar, vos peço e não haja iniquidade; tornai a julgar e a justiça da minha causa triunfará”. Jó se sentia em um tribunal terreno e pedia por justiça. Em Jó 9:15 ele diz: “a ele, ainda que eu fosse justo não lhe responderia; antes ao meu Juiz pediria misericórdia”. Jó considerava a Deus como o supremo Juiz de seu caso (Jó 9:15; Jó 13:3). Não somente Jó usa linguagem jurídica, mas seus amigos também. Elifaz afirma que nenhum inocente perece (Jó 4:7) e fala de entregar a sua causa a Deus (Jó 5:8). Por sua vez, Bildade em Jó 8:3 argumenta: “Perverteria Deus o direito ou perverteria o Todo-Poderoso a justiça? ”.

É possível determinar as funções exercidas pelos personagens na trama jurídica, no entanto em diferentes perspectivas. Para Jó, Deus é o Juiz (Jó 9:15), ele é a vítima inocente (Jó 6:29; Jó 13:18) e os seus amigos são os advogados de acusação contra ele (Jó 4:7; 5:2-7; 8:4; 11:7). Na visão dos amigos de Jó, há uma certa inversão dessas funções, pois para eles Jó é réu culpado – já que na visão deles de justiça, nenhum justo passa por calamidades – isso se encontra implícito em seus discursos; eles são advogados de defesa; por fim Deus é a vítima na trama – pois constantemente defendem o castigo supostamente dado por Deus a Jó. É possível perceber isso na indignação de Jó quando ele indaga: “Por ventura, falareis perversidade em favor de Deus e a seu favor falareis mentiras? Sereis parciais por ele? Contendereis a favor de Deus? ” (Jó 13:7-8).

É possível encontrar evidências culturais e textuais para consolidar a ideia de um pano de fundo jurídico envolvendo a trama de Jó. Tanto em Israel como na Mesopotâmia era costume que as causas jurídicas fossem julgadas na porta da cidade pelos anciãos, considerados juizes (Pv 31:23). Assim “assentavam-se à porta da cidade, onde se discutem todos os casos da comunidade” (VAUX, 2004, p. 187). Identifica-se que este era o costume de Jó também e que provavelmente, como homem estimado pelo seu povo, era um dos juizes de sua época e que se assentava à porta da cidade para julgar as causas da população (Jó 29:7-12). Nesta porção especificamente no verso 7, Jó afirma: “quando eu saía para a porta da cidade, e na praça me era dado sentar-me”. A palavra usada para o verbo “sentar” nesse caso é *moshaviy* – da raiz *yshv*. É interessante notar que a mesma palavra é usada no contexto do livro de Rute, quando Boaz se senta para discutir o resgate de Rute junto ao parente mais próximo, na presença dos anciãos da cidade (Rt 4:1-2). Ademais, esta mesma palavra é encontrada no livro de Jó no capítulo 2:3 – no fim da estrutura em prosa e preparação para a estrutura poética que abrange os ciclos de discursos. O texto diz: “sentaram-se com ele na terra”. Propõe-se que o fato dos amigos se assentarem com Jó na terra dá início ao processo jurídico.

3.1.2 Contexto jurídico do go'el

Já foi mencionado o significado da palavra go'el anteriormente. Uma das suas características principais é que para ser um resgatador, era necessário que este fosse um parente próximo. Zuck confirma este grau de parentesco do resgatador quando afirma que “um resgatador no antigo testamento era uma pessoa que provia proteção ou preservação legal para um parente próximo (ZUCK, 1978, p.89, grifo nosso, tradução nossa) e que este “poderia defender a causa de um parente em um processo jurídico” (ZUCK, 1978, p. 89, tradução nossa). Atkinson partilha da mesma concepção, de que o resgatador como parente próximo “intervia em alguma situação para preservar alguns direitos familiares” (ATKINSON, 1992, p. 93, tradução nossa).

No caso de Jó, esgotara-se todas as possibilidades de um parente seu agir em seu favor como resgatador. Na terceira perícopes do capítulo 19, do verso 13 ao 21, Jó expõe sua condição solitária na trama. Em primeiro lugar ele afirma que seus irmãos se distanciaram dele (Jó19:13, 17). Em seguida ele afirma: “todos os meus parentes me desampararam” (Jó 19: 14). Para Jó, era necessário que alguém chegado a ele intervisse em seu favor, nessa situação de calamidade, e em meio a acusações injustas de seus amigos. Porém, não havia na terra, alguém dentre a sua parentela, que se compadecesse dele e brigasse pela sua causa como um resgatador. Ele se sentiu literalmente abandonado.

Se Jó fora abandonado pelos seus parentes e esgotara-se as chances de um resgatador terreno, para quem ele estava direcionando sua fé? Andersen ousa afirmar que este resgatador de Jó é o próprio Deus (ANDERSEN, 2006, 192). No entanto, há duas implicações que podem ser avaliadas contrapondo esse argumento:

a) Em Jó 16:7-9, além de Juiz, Deus é considerado por Jó como seu acusador e adversário. Seria inviável para Jó que seu próprio acusador – na sua concepção – agisse como seu resgatador.

b) Há evidências textuais que podem apontar para uma terceira pessoa além de Jó e Deus agindo como seu resgatador. Como foi mencionado anteriormente, o verbo *yaqum*, pode ser uma palavra composta iniciada com a partícula *ya*, que pode indicar o nome de *Yahweh*. Nesse caso, o próprio *Yahweh* levantaria um resgatador além si mesmo, mas que seria tão importante quanto Ele neste processo.

3.1.3 Contexto escatológico do go'el

Jó tem o próprio Deus como Juiz em seu caso, e reconhece a necessidade de ter um advogado à altura de Deus para fazer chegar a Ele sua defesa, por isso deveria ser tão divino quanto. Ele previamente confirma isso em Jó 16:19 quando diz: “já agora sabeis que a minha testemunha está no céu, e nas alturas, quem advoga minha causa”, inferindo que seu advogado é de origem celestial. No entanto, seu advogado precisaria atender outro requisi-



to – não somente ser capaz de atender perto de Deus no céu, mas ao mesmo tempo estar próximo de Jó na terra – como Jó mesmo enfatiza a necessidade de um “árbitro que ponha a mão sobre nós ambos” (Jó 9:33) isto é, entre ele e Deus. Resumindo, o resgatador de Jó precisaria ser divino e humano simultaneamente.

Só uma pessoa que se enquadra nessas características – o Messias, Jesus Cristo. Paulo descreve em Hebreus 2:11-12,17 a Cristo como irmão – parente próximo – da raça humana, no sentido de identificar-se com a humanidade com o propósito de ser o “fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hb 2:17). João apresenta Jesus como o Justo “Advogado junto ao Pai” (I Jo 2:1), que é “a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas ainda pelos do mundo inteiro” (I Jo 2:2). Na primeira carta a Timóteo, Paulo afirma que Jesus “a si mesmo se deu em resgate por todos” (I Tm 2:6) e Pedro completa que “não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (I Pe 1:18:19). Pedro continua afirmando que este sangue já era “conhecido com efeito, antes da fundação do mundo” (I Pe 1:20), ou seja, o plano da salvação já estava em vigor nos tempos de Jó.

A expressão *we aharon* é “tida por alguns estudiosos como significando no futuro ou no último minuto” (ZUCK, 1978, p. 89, tradução nossa). Se levarmos em consideração o contexto em que essa expressão está contida, Jó pode ter projetado sua fé no resgatador para o futuro, esse fato se explica porque ele esperava sua morte, e isso se comprova quando afirma que os seus dias estão se apagando e só tem perante ele a sepultura (Jó 17:1, 15-16).

3.1.4 Escatologia dos versos 26 a 29

De acordo com a tradução proposta para o verso 26 anteriormente, é possível que Jó estivesse expressando uma centelha de esperança numa ressurreição. Há evidências textuais que comprovam essa afirmação:

a) Jó indagara anteriormente sobre a possibilidade e a esperança de um homem tornar a viver depois de ter morrido (Jó 14:13-14), logo a ressurreição não era um tema novo para Jó.

b) No próprio verso 26 é possível encontrar provas de sua esperança na ressurreição. Novamente a expressão que indica a projeção de Jó no futuro aparece – *we ahar* – provavelmente indicando o mesmo momento no tempo do verso 25, ou seja, no último momento. Isso pode ser uma alusão à ressurreição dos justos por ocasião da volta de Jesus (I Co 15:51-52; I Ts 4:16-17; I Ts 5:2). Essa afirmação pode ser confirmada pelo uso da expressão hebraica *ehezeh eloha*, que significa “verei a Deus”. Este verbo (*ehezeh*) – proveniente de *hazon*, denota não apenas uma visão comum, mas uma visão sobrenatural, o que é bastante propício para o contexto sobrenatural da volta de Jesus.

c) Por fim, no verso 26 Jó afirma que embora sua pele seja dilacerada – literalmente na forma intensiva piel – ainda assim veria a Deus. Essa forma intensiva do verbo cortar, tem conotação da iminente morte de Jó. Obviamente, a Bíblia não dá apoio para que nenhuma pessoa após a morte, possa ver, falar, andar ou qualquer outro tipo de ação (Ec 9:5-6). Para que fosse possível a Jó ver seu Redentor, seria necessário que ele ressuscitasse.

O verso 27 serve de reforço para o verso 26 e para a esperança de Jó em ver seu resgatador face a face. Mais uma vez é reforçada também a ideia de uma visão sobrenatural de Deus com a presença do verbo *hazon*. Os versos 28 e 29 encerram o discurso fornecendo algumas evidências temáticas relacionadas a acontecimentos escatológicos.

A palavra espada merece atenção no verso 29, pois aparece duas vezes – como um substantivo brehe (herev) e em forma de verbo בָּרַח (harev). Neste verso, é possível verificar a importância dos acentos disjuntivos, pois estes destacam as palavras que o autor necessitava dar mais ênfase: duas vezes a palavra espada e a palavra final juízo *shaddyn*. Pode-se dizer que sua mensagem final era: “a espada trará juízo”.

Jó adverte os homens que o perseguem, de que deveriam temer a espada, pois esta traria juízo e destruição sobre eles, por causa de sua perversidade. Tanto no Novo testamento quanto no Antigo testamento pode-se perceber o uso da espada em eventos relacionados a algum tipo de juízo, seja circunstancial ou escatológico. No caso de Jó, esse juízo está intimamente ligado à presença do Resgatador e ao fim do processo jurídico que envolve a trama do livro. Nas Escrituras – AT e NT, podem-se encontrar paralelos que correspondem com os versos que abordam sobre o Juízo iminente, em Jó 19:28-29 – como é o caso dos exemplos a seguir em Daniel e Apocalipse.

3.1.4.2 Paralelos com Daniel

No livro de Daniel, também é possível encontrar paralelos temáticos com a seção de Jó 19:25-29. Em Daniel 12:1, o escritor aponta Miguel, “o Defensor dos filhos do teu povo”. William Shea afirma que Miguel eventualmente é identificado como sendo Jesus Cristo e que este nome dado a Cristo é sempre mostrado nas Escrituras quando há um momento de controvérsia entre Cristo e satanás (SHEA, 1998, p.42). Miguel se levanta logo após o fim do processo jurídico como afirma Maxwell: “o erguimento de Miguel revela que o julgamento pré-segundo advento, antecipado em Daniel 7:9 a 14 e em Daniel 8:14, agora foi completado” (1996, p. 315). É possível fazer o paralelo entre Miguel que se levanta em Daniel 12:1 com o Redentor que é levantado por Yaweh em Jó 19:25, embora sejam usados verbos diferentes para “levantar” nas duas situações. Em Jó 19:25 têm-se o verbo que já foi analisado anteriormente, *yaqum*. Já em Daniel 12:1 o verbo utilizado para “levantar” é *yamod*. Sobre este verbo utilizado no contexto de Daniel, Shea explica:



O verbo “levantar-se tem aqui um sentido dual. Ele se levanta porque vários aspectos do Seu ministério Celestial estão concluídos. Essa fase de Sua obra está completa. Mas, mais precisamente, o verbo “levantar-se” é usado através de Daniel 11 no sentido que se aplica ao surgimento de um novo regente, quando este ascende ao trono, iniciando seu governo. Isso quer dizer que, de acordo com Daniel, os reis terrenos tiveram sua chance, mas agora é a vez de Miguel se levantar e assumir o reino final dos santos do Altíssimo. Os súditos desse reino vêm de dois grupos: o grupo dos que estiveram vivos no tempo de angústia final e o grupo dos que estiveram adormecidos esperando pelo despertar trazido por Miguel, seu rei, o Filho do Homem, que reinará para todo sempre (SHEA, 1998, p. 43).

Além do fato do erguimento de Miguel – o Redentor de Jó, é possível também notar em Daniel o tema da ressurreição. Em Daniel 12:2 se encontram tanto a ressurreição dos justos quanto dos ímpios, com uma ênfase na destruição dos ímpios, pois estes ressuscitariam para enfrentar a espada do juízo, e serviriam “para vergonha e horror eterno”.

3.1.4.1 Paralelos com Apocalipse

Em Apocalipse 19 há um paralelo entre a palavra espada e o dia do juízo bem como da destruição dos ímpios. Cristo fere as nações com a “espada que saía da sua boca” (Ap 19:15, 21). Em Apocalipse 19:11 Cristo é representado por um cavaleiro montado em um cavalo branco e Seu nome é Fiel. Ele vem para “julgar e pelejar com justiça” (Ap 19:11) – vem para executar juízo. O Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia afirma que Ele “executa o juízo por meio da guerra. A peleja é contra as forças políticas e militares da Terra, que haviam se reunido para destruir Seus servos fiéis” (2014, v.7, p. 971). Esse cenário configura na posição do Cavaleiro Fiel como o Vingador (*go’el*) do Seu povo. Como Aquele que vem para executar juízo sobre os que perseguiram sem causa os Seus servos (Jó 19:22).

Esse evento está ligado intimamente à segunda vinda de Cristo, a ressurreição dos justos (Ap 20:5) e o juízo sobre os ímpios. Logo, se a presença do Resgatador em Jó 19:25 está ligada ao fim do processo jurídico e vindicação da justiça através da espada sobre os perseguidores, pode-se afirmar que o verso 25 faz um paralelo escatológico com a segunda vinda de Cristo, trazendo a espada e o juízo sobre os ímpios.

Portanto, Jó 19:25-29 é uma seção relacionada tanto ao contexto jurídico do livro quanto ao tempo do fim, e pode-se afirmar que os eventos apresentados nesta seção, estão distribuídos conscientemente de maneira cronológica:

- a) Verso 25: Volta de Jesus;
- b) Verso 26: Ressurreição dos justos;
- c) Verso 27: Encontro com o Senhor nos ares (I Ts 4:17);
- d) Versos 28-29: Juízo sobre os ímpios.

Esta sequência de eventos pode ser vista tanto nos exemplos de Daniel quanto Apocalipse citados acima, e está fundamentada no fim do processo jurídico realizado por Cristo em Seu ministério celestial.



CONCLUSÃO

Este artigo analisou exegeticamente a identidade do go'el em Jó 19:25 e qual o contexto em que ela está inserida. Seus resultados são de grande importância, pois no âmbito acadêmico ainda não se encontra uma unicidade em relação ao tema. Primeiramente, foi feita a análise textual, onde se identificou a estrutura do capítulo 19, bem como a perícopes temática que se estende do verso 23 a 29 – que apresenta o clímax da fé de Jó. Em seguida, analisou-se o conceito etimológico, histórico e bíblico da palavra go'el, dentro dos contextos jurídico e escatológico.

Como resultado do estudo, pode-se afirmar que ao reivindicar sua fé em um Redentor, Jó estava se referindo a uma figura messiânica – identificada através da exegese do texto como sendo Jesus Cristo – e que o texto em estudo admite que seu contexto gira em torno de um processo jurídico simbólico que estava em andamento na trama do livro de Jó, mas também admite através de evidências textuais que possui um cunho escatológico, apresentando temas como a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e o juízo sobre os ímpios.

A pesquisa sugere um estudo mais aprofundado na área de teologia sistemática, visando expor com mais detalhes a relação de Jó 19:25-29 com os últimos acontecimentos. Ademais também é possível estender o estudo para analisar a relação do processo jurídico no livro de Jó com o processo jurídico no santuário terrestre e celestial.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, Francis I. **Jó: Introdução e comentário**. São Paulo: Vida nova, 2006.
- ATKINSON, David. **The message of Job**. Illinois: Inter-Varsity Press, 1992.
- COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: A Bíblia Sagrada com comentário exegético e expositivo**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.
- FRANCISCO, Edson de Faria. **Manual da Bíblia hebraica**. São Paulo: Vida nova, 2008.
- GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do hebraico passo a passo**. São Paulo: Vida nova, 2005.
- MATTESON, Earle E. **The Job Complex**. Minneapolis: River City Press, 2004.
- MAXWELL, C. Mervyn. **Uma nova era segundo as profecias de Daniel**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- RIDOUT, Samuel. **The book of Job**. New York: Loizeaux Brothers, 1958.
- SHEA, William H. **História e Escatologia no livro de Daniel**. Revista Teológica do SALT IAENE, Cachoeira, v. 2, n. 1, p. 33-43, jan./jun. 1998.
- STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.



TERRIEN, Samuel. **Jó**: Grande comentário bíblico. São Paulo: Paulus, 1994.

VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ZUCK, Roy. **Job**. Chicago: Moody Press, 1978.